A PATRIA

ORGÃO REPUBLICANO DO CONCELHO DE OVAR

Administrador — Fernando Arthur Pereira

Rua das Figueiras

PUBLICAÇÃO SEMANAL

Director — Antonio Valente d'Almeida

Redacção: Rua de St. Anna

Propriedade da Empresa do jornal "A PATRIA,"

Composição e impressão — IMPRENSA CIVILIZAÇÃO
de Viuva Lemos & Gonçalves

RUA DE PASSOS MANOEL, 211 a 219 — PORTO

Anuncios: 1.ª publicação, 40 réis a linha. Repetições, 20 réis
Permanentes e reclames a preços convencionaes.

Communicações a 50 réis a linha. Aos assignantes 25 % de
abatimento.

ASSIGNATURA

Em Ovar, (villa) semestre	500 réis
Para fóra da villa, Continente e Africa, semestre	600 »
Brazil, semestre	700 »
Avulso	20 »

A OBRIGA

Trilójia á altura

Continua José Luciano de Castro a sêr ainda o verdadeiro, porque é o unico, autentico chefe do governo, visto que no poder estão ainda os seus dependentes; e continua, o mesmo homem, a prezidir aos destinos dos progressistas que no partido o reconhecem e acatam como chefe, e sucessivamente se lhe subordina; abdicando nas suas mãos toda a força e todo o poder partidario.

E' curiozo. Apoz «cincoenta anos de vida immaculada», mais ou menos acidentada de baixezas e tranquiernias que noutra parte o teriam exautorado sem piedade e eliminado sem condescendencias, apoz provadas manifestações de incapacidade administrativa e de insolvencia moral, o caso do Credito Predial, explodindo, trouxe á supuração o seu nome—e embrulhado em lama—e atascado em crimes á vista;—e sobre isso, o que é que se vê?...

Vê-se isto, que é simplesmente monstruozo:

José Luciano, reconhecido como o maior culpado pela gerencia bancarroteira do Credito Predial, comodamente e impunemente, na sua cadeira, a dispôr dos cofres da nação, a mandal-a como senhor e no seu partido, como chefe incontestado, a prendel-o, solidamente, ao seu destino de reu; reu de crimes imperdoaveis. Vê-se o autor do descalabro da primeira instituição nacional de credito, não na cadeia, como os que porventura o egualam mas nunca decerto o excedem em perniciosidade, não na cadeia e nos tribunaes, mas no governo, por interposta creatura, a sêr o *executivo* e o *judicial*; isto é, a sêr os ministros do estado e os tribunaes da nação!

Vê-se esse homem, que no Credito Predial amalgamou e fundiu todos os seus crimes e todas as suas infamias de politico, á frente do seu partido, que é o poder e a maioria parlamentar, no parlamento (camara dos deputados e camara dos pares), cinicamente, *lejislando!* Reu, dispozo dos tribunaes; empregado publico com a carreira cortada, pelos seus crimes de roubo, no governo; politico liquidado, na vilania do seu proceder, chefe de partido: em suma, no lugar mais alto, na posição mais eminente, precisamente quem, hoje, na nossa terra, está a um nivel de envilecimento para que se não topa parrelha.

Espantozo! Espantozo que seja tamanha a subversão moral que se aceite, e seja corrente, governar o paiz o homem que teve a saque o Credito Predial; espantozo que seja tanta a degradação partidaria que os homens do progressismo não sintam o nojo subir-lhe ao rosto pela prenda que detem nas mãos, essas mãos dezonradas, a chefia do seu partido.

E todavia é assim! Numa e noutra parte José Luciano de Castro prezide, domina e ordena; não lhe faltam, para tanto, nem a posição de chefe de governo, nem o lugar de chefe de partido, e, para este esterquilinio ficar comple-

to, não lhe falta tambem ahi a confiança da corôa.

E' o governo seu, seu é, sem contestação, todo o partido progressista, seu, ainda, é o poder real que o defende, que o sobrepõe á moralidade, á justiça.

Se ha pessoas honestas que se não revoltam, com inasoberbavelasco, contemplando esta estupenda denegação dos mais elementares principios da probidade; se taes pessoas existem, ah! então, a sua incomensuravel estupidez faz da sua honorabilidade de carater um triste dom inaproveitavel, inane.

Olhem os homens de bem para o Credito Predial...

Vejam as pessoas honestas quem de lá vem coberto de sujidade, e reparem em quem o abraça para ficar iscado sem remissão.

Faz nauzeas, mas deve vêr-se.

Antonio Valente.

MENTIRAS

Transportemo-nos leitores, d'olhos postos nos jornaes diarios, ao parlamento, nas sessões dedicadas a prantejar a morte do rei Eduardo VII. Vejamos aqueles rostos e afirmemo-nos n'aquelle luto, tudo postigo e de encomenda; ouçamos aquelas nenias e aqueles longos suspiros, tudo, Deus sabe com que trabalho, adquirido á força de repuxar os cabelos e outras indrominas sabidas dos *clowns* dos teatros-circos.

Entrémos, dêmos a preferencia á camara popular, vulgar e acertadamente chamada *baixa*; arranijemos logar, sentemo-nos e ouçamos.

Um discurso, salvo pequenas diverjencias de detalhe, reproduz todos; um suspiro, regra jeral, condiz com os suspiros passados e pauta, gradua os futuros. Uma afirmação unanime da camara, exceção feita da carpideira que chorou pelos olhos republicanos, logo nos aparece chocante: a aliança ingleza, parte obrigada, como era de esperar da encomendação do finado.

Diz-nos o Conde de Penha Garcia, prezidente da Camara dos deputados que «durante o intervalo das sessões faleceu em Londres o poderoso chefe de estado da *nossa antiga e fiel aliada*»; e nossa «*fiel e antiga aliada*» governo, progressistas, rejeneradores, etc. etc. unanime-mente chamam, nos seus discursos, á nação ingleza. Saíamos, vista aqui a festa, *pardon*, a homenagem funebre, e já que o dia vae de tristeza dirijamos os nossos passos para a veneravel camara dos pares.

Ordem do dia a lagrima por Eduardo VII, temos *reprize* do que já vimos, mas não importa, entremos, sentemo-nos e ouçamos.

Começa a sessão pelo epicedio da presidencia «o sr. conde de Bertandos refere-se ao passamento de Eduardo VII lembrando, a proposito, a *nossa antiga aliança com a Inglaterra*».

Foi o que bastou. Deram á lingua o governo e as opposições, unanimidade absoluta, pois todos acharam que sim, que tinham na mão a aliança ingleza para os floreados retóricos. Saíamos, venhamos espaiarecer cá para fóra.

Todos lá dentro disseram, propositadamente, o que sabem mentiroso, e é que a Inglaterra «é *nossa antiga e fiel aliada*». Disse-o o chefe do go-

verno, a quem ainda devia lembrar o desmentido categorico, formal e irrefragavel, que *Bruno* deu ás suas mentiras; disseram-o os parlamentares e ministros que conhecem bem, mesmo muito bem, que essa pretendida aliança é uma intrujice, porque precisamente, elles é que a inventaram e lhe dão curso e credito imaginando-a, estupidamente, conveniente para seus interesses.

Na verdade: não ha aliança ingleza! Não sabemos mesmo se a houve n'algumas epocas, porque tudo quanto vemos é que a Inglaterra nos prestou, algumas vezes alguns serviços; e nós á Inglaterra, prestamos, sempre, grandes, valiozissimos serviços...

Mas aliança!... Elles bem nol-o dizem, esganiçando-se a chorar um morto com sinceridade egual á de falar em tratados... que não existem, bem nol-o dizem,—mentindo. Tem havido, se quizerem, uma especie de protectorado, dando-nos a Inglaterra *nossa aliada* o ultimatum de 90, e a passagem arrogante de Carrington com o seu exercito pelos nossos territorios de Moçambique, ha, da parte dos governos portugueses, sempre, ante a Inglaterra, a attitude do creado vilão que a tudo obedece...

Isso é um facto, isso é a historia das nossas relações com a Inglaterra, bastas, bastissimas vezes.

Mas decerto, isto, não é, não pôde ser «uma antiga e fiel aliança». Não! isso nunca!

E', pífa e reles, uma mentira parlamentar e uma intrujice dinastica

ECHOS DA SEMANA

Uma lição

Chega-nos pelo telegrafo, da Espanha, que nem sempre é *nuestra hermana*, isto que devem ler:

«Madrid, 1. Afirma-se que o supremo tribunal de justiça considerará nulas no circo de Hoyos, as eleições, ficando este sem representante em côrtes durante uma legislatura, como castigo de se terem ali vendido votos.»

Valia a pena transplantal-a; cremos que aproveitaria, admiravelmente, neste paiz de laranjeiras, essa maneira de fazer justiça do tribunal madrileno. E já o Beirão, *soit dizante* chefe do governo, devia tratar de a tornar applicavel nas proximas eleições—para ficarem sem representação nas côrtes 90 % dos circulos. Todos lucravam... a começar pelo Zé pagante.

A cornucopia

Vem nos diarios, e se é assim ou não o tempo o dirá, que o ministro da fazenda tem nada menos de dez propostas de fomento para apresentar ao parlamento. Se houver tempo, ou melhor se o José Luciano estiver por isso, vão os senhores deputados, agora sim, entreterem-se com obra fina—as dez propostas de fomento que andam no bolso de dentro do sr. ministro. Não-de sêr, como é da praxe em casos assim, um prodijio; e terão, como é de lei com todos os planos reformistas dos nossos Pombaes... do Credito Predial, uma disposição com importancia: «Contribuinte—paga e não bufes». E em pouco tempo—

bentas propostas!—transformam as pedras, em vinho não que era prejuizo, mas em pevides de abobora que é jenero rico.

Se o José Luciano quizer—não vá a inveja mordel-o...

Gralhas & C.ª

Sociedade autentica, anonima e de responsabilidade ilimitada, explora o negocio de trocar o que aqui se escreve pelo que lá a elles lhes apetece.

Nunca nos poupa, e no ultimo n.º d'esta folha, por n'ele termos particular empenho, mais furiozamente castigaram os orijinaes. A fazermos correções iam-se leguas de espaço, diremos só que o artigo assignado A. C. era S. C., o que é diferente; e que saiu sem assignatura do director de «A Patria» «A Obrigá», o que é somenos. Mas é de todos os dias, pontual como o chá do almoço, esta arreliante costumeira.

O orçamento

Está aberto o parlamento, naturalmente por horas ou o muito por poucos dias, vamos em meados do ano economico, e está ainda por discutir a peça de substancia que é essencial para a vida publica—o orçamento jeral do estado. Supondo que o ministerio obtem a dadia da dissolução esta não se fará esperar, e assim acaba a legislatura sem ter conhecido a receita e a despeza... que se escreveu no papel. No tempo do falecido D. Carlos, mais do que uma vez, os governos se serviram dos orçamentos sem o visto do parlamento e sem embaraço, pois que o imposto rendia o mesmo e o dinheiro passava para as mesmas unhas, e a isto chamavam os partidos monarchicos opicionistas «vida velha, de escandalos, roubos e ilegalidades»...

Agora ensaiar-se-ha o mesmo processo, que, devendo sêr bem sucedido, determinará certamente repetições, o que não impedirá os mesmos snrs. de afirmarem que vivemos em periodo de «vida nova, honrada e legal»...

E é ainda o melhor, que ha catturice maior da marca em se ezi-jirem formalismos que valem o forro d'uma bexiga.

Submarinos

Inventaram-se para afundar e emergir, mas, de quando em quando, dá-lhes na veneta cumprirem só a primeira parte da função, e afundam, assim, de vez. Foi o que sucedeu ao «Pluvioze» com perto de quarenta homens a bordo, e é o que se viu com o «Forel» um submarino russo afundado em Vladivostok. Pagam os homens esses caprichos, morrendo d'um horrorozo trespassse, em que, quem sabe, verdadeiros prodijios de heroicidade a blindagem e as aguas escondem, n'uma impassibilidade absoluta.

Junta Liberal

Talvez o leitor não saiba, de distraido que anda, a Junta Liberal tem nada menos do que 14 conferencias anti-jezuiticas já feitas, e espera arrematar o exclusivo de estripar os frades, retoricamente, servindo-se para isso das tibias dos jezuitas que vae dissecando. Lá para

o ano dois mil dirão os cronistas que vae em milhares de conferencias, todas aplaudidas, ao rubro, pelas multidões jacobinas e por ahi ficar-se hão, no seu maravilhamento, boquiabertos. No entanto os jezuitas, esfregando as mãos de contentamento extreme, irão cada vez mais apossando-se do ensino, do estado, da familia, contando os triunfos solidos... por cada saraivada de conferencias que lhes caia sobre o touço.

O que provará, claramente, que a Junta Liberal—bateu certo, e realizou amplamente... o seu programa.

Antipodas

E em tudo, de vós outros, os portugueses, são-o os da republica do Chile. Tão antipodas que no ano em que nós, no boreal, gastamos mais do que recolhemos, eles no austral gastam strictamente o que colhem de rendas publicas; e emquanto nós falamos em levantar empréstimos e vamos aumentando o monte das dividas, eles incluem, no seu orçamento sem *deficit*, somas de vulto para redução da divida publica. Emfim tão antipodas que os chilenos são *cidadãos* d'uma republica, membros d'uma nação em marcha ascensional invejavel, e nós somos *subditos* d'uma monarchia, membros d'uma nação empobrecida e o peor, escravizada e envilecida.

...Mas, valem-nos os coches da caza real, as tradições gloriozas da monarchia, e a grandeza historica do nosso passado, isso nos vale para desdenharmos Chile e chilenos, na nossa monarchia radioza e nauzeabunda.

Mãos vizinhos

São-o, positivamente, brasileiros e argentinos, cada um minado da ambição ardente de sêr o primeiro no sul da america. Por isso se olham sempre de revez; estes dias passados tendo chegado até ao extremo de se atirarem injurias e fazerem jestos equivoocos por detraz dos panos das respectivas fronteiras. Bem o escuzavam, que os brasileiros e argentinos tem territorios em barda a aproveitar, e campo á farta para pascerem e rebolarem-se quer em folias quer em trabalho. Vizinhos que não sabem o que tem de seu, carecendo de tempo e forças... para si mesmos, estavam nos casos de se ajudarem e se comporem afa-velmente. Mas qual! Cada um o que faz é armar-se, para invadir a casa vizinha e pôr o dono em salmoura. Americanos, republicanos, era de esperal-os com mais juizo.

Madeira e Hinton

Foi de hontem—mas a apostar que se não recordam... Queria o Hinton aprovado o projecto com que o presenteava o governo, e queria o ministerio *bon gré mal gré* fazel o votar pelo parlamento, na sua dedicacão pelo inglez amigo de tu do rei falecido, e compadre e socio dos palacianos e grandes politicos. Com uma teima fóra dos uzos, muito louvavel, a camara dos deputados opoz-se, solidamente dirijida, no lance, pela superior capacidade de Afonso Costa, que enterrou o projecto, entre os protestos do governo, que afirmava sêr necessario, urjentemente (!) á economia da Ma-

deira esse seu projecto, e o aprezen-tava reclamado, insistentemente (!), pela agricultura da ilha. Que não é assim, e que o projecto só impede a restauração economica da Madeira, dil-o, sem papas na lingua, um dos maiores proprietarios de cana que ha no Funchal e um dos mais importantes magnates insulanos, o sr. Rocha Machado, numa consulta que lhe dirige a «Associação Commercial do Funchal». Aqueles que ainda duvidam da falsidade, suborno e torpeza com que o governo portuguez se houve no caso Hinton, para se tirarem de entalãs não teem mais que lér esse documento, e compa-ral-o, linha por linha, com as alegações e pretextos que o ministerio levou ás córtes, no seu plano de empalmção. Depois fiquem-se com os melaços intrinsicamente monarchicos do Hinton, que ainda podem vir a servir-lhe para empregar na refinação—á falta de ossos de alimarias decentes e aceitaveis.

Uma querela

Com o fundamento em injurias a um galopim páo para toda a obra, apanhou-nos, ao terceiro ano de vida, a intimação judicial para respondermos ante os tribunales, neste pequenino Marrocos portuguez que é uma *piolheira* real. Contestaremos, e não haverá remedio, por ventura, senão ter-se de sacrificar um dia útil gastando-o numa audiencia, a bel prazer do caciquismo que, vejamos o descôo... nós infamamos; como se aquilo fosse a mulher de Cezar ou o virginal Luiz de Gonzaga.

Assim o querem...

Defezas

No Credito Predial, e na reunião de sabado ultimo. Disse o sr. Burnay banqueiro e regenerador, politico e monarchico, como unha e carne de José Luciano, e accorrendo em defensão do governador do Credito, que a situação d'aquella estabelecimento era, sem retoricar, *tout court*, a de—descalabro. Acuzando o governador e amigo de unha e carne não alcançamos o que mais grave e mais aspero teria a dizer o sr. Burnay,—que, ainda, disse ter, nas suas mãos, o governador do Credito... autoridade e attribuições de verdadeiro dono de roças, (quando n'ellas havia escravos) sendo *tudo*, lá dentro, a sua pessoa...

Isto em defeza foi dito e, não ha que ver, é boa defeza.

Pão Nosso

Está publicado o n.º 7 deste pamphletto de Padua Correia com o sumario: I—*Uma Vistoria ao Dr. Reis Santos*. II—*O Bobo de Entre os Rios*. III—*O Penultimo dos Antepenultimos Messias*. E', na verdade, um caustico modelo, este esplendido numero do «Pão Nosso»...

ARA

EVOLUÇÃO

Fui rocha, em tempo, e fui, no mundo antigo, tronco ou ramo na incognita floresta... Onda, espumei, quebrando-me na aresta do granito, antiquissimo inimigo...

Ruji, fera talvez, buscando abrigo na caverna que ensombra urze e jista; ou, monstro primitivo, ergui a testa no limozo paúl, glauco pascigo...

Hoje sou homem—e na sombra enorme vejo, a meus pés, a escada multiforme, que desce, em espirales, na imensidade...

Interrogo o infinito e ás vezes ebôro... mas, estendendo as mãos no vacuo, adoro e aspiro unicamente á liberdade.

Anthero de Quental.

VIDA LOCAL

As fontes publicas

Uma das coizas com que fomos mimozeados, fartamente, pela provida natureza que nos circunda é a

abundancia de nascentes que ha no perimetro d'Ovar.

Muitas, e nem nos periodos de mais demorada estiajem nunca escuando, dando com um volume quaze constante finissima agua, tornaram facilimo, extra economico, para as camaras municipaes, o abastecimento d'aguas potaveis, que por ali fóra, em tantas terras, é d'uma carissima e má soluçao. Assim, com uma alta vantagem sobre inumeros povoados, Ovar podia ufanar-se da pureza das suas aguas, o que é sempre um motivo de ficção para o extranho que accidental e temporariamente nos vizite, e essa sua superioridade natural podel-a-hia indifinidamente manter com uma insignificante despeza. Mas... (ha sempre um *mas* que deita tudo a perder, nestes arcanos da administração municipal dos monarchicos nossos patricios) desmentindo a teoria e, aparentemente, contraditando as nossas palavras acima, a agua que em Ovar se consome, e só falamos da das fontes publicas, que na dos poços particulares nem é bom tocar, essa agua, que a natureza nos fornece dos seus veios filtrantes magnifica e salubre, por obra e graça de *Santo Desleixo*, patrono das nossas vereações, apresenta-se ao consumo, as mais das vezes, com muito duvidosa virtude e muito insegura pureza. Todas as fontes, antigas, e com o vicio, já originario, de construção rente ao solo, hoje, que os sedimentos acumulados teem elevado d'alguns metros a flôr da terra, são, a maioria, verdadeiras covas, autenticos saguões. A do Casal, a da Arruela, a da Mota, a da rua da Fonte, outras mais, pela diferença de nivel a que se encontram da superficie actual dos terrenos, estão sujeitas ao empocamento das suas proprias aguas, no meio morbijenico mais apto para propiciar a formação de ultra prolificos viveiros de conductores patojenicos como, entre outros, o é, respeitavelmente, o mosquito.

Pelo mesmo vicio fundamental á mais ligeira enxurrada alagam-se, ficam a nadar em lodo, são atulhadas de lama.

No inverno e nas quadras chuvosas immerjem semanas inteiras, com prejuizo publico immediato que não é para desprezar; com mediata deterioração que devia merecer todos, mas todos os cuidados, visto tratar-se da «agua»—o elemento primario... de quem quer viver.

Ora, elementar é que o não escoamento rapido das sobras das fontes, empocando com *detricitos organicos e feccas* é uma vizinhança terrivel para as aguas, orijinariamente excelentes mas não refratarias a contájos; elementar é que a invasão das *mães* aquiferas pelos lodos das inundações faz incalculaveis estragos nos depozitos, sujando, contájando a agua; tornando-a ludra, salobra, pessima. Elementar, elementarissimo, é; eziendo como remedio... a grande, a orrivel dificuldade de tornar os niveis das fontes... superiores ao nivel do chão vizinho.

Agora, que entramos na quadra estival, prestaria a camara um belo serviço publico mandando proceder á analize das fontes da vila, e naquelas que esse exame mais recomendasse, mandando realizar as obras que acertadamente são aconselhadas pela necessidade publica mais instante, e pelo interesse comum mais prevalecente. Não se gastariam todos os réditos do cofre municipio tornando a fonte do Casal e as outras, o que para bem dos mais sagrados direitos da hijiene, essa e as outras, devem tornar-se. Não se exgotariam as forças da vereação com o gasto de enerjia que essas obras, porventura, iriam tirar ao *dulce far niente* em que se levam as séstas deste tempo preguicento. Que assim fosse, porem; havia lucro para todos, porquanto uns deixavam-se de *Santo Desleixo*, que é um santo, mal escolhido para padroeiro d'homens extra, e outros, quer dizer, Ovar, tinham restituída á sua excellencia nativa a agua que, ora, cheia de impurezas e porventura de morbos, consomem prejudicialmente.

Sem demora, sem mais criminozo desleixo; judiciozamente, decida-se a camara a acabar com as más fontes e com a pessima condição actual que ás boas as desvaloriza. Mando fazer

analizes completas, depois de captada a agua a salvo de influencias externas, e se alguma fonte fór reconhecida nociva suprima-a. A's outras mande pô-las no logar devido, fazendo para esse fim as obras que necessarias sejam.

Não esqueça de meter na conta os chafarizes com as suas canalizações e suas *mães d'agua*, e isto agora, porque não é apenas verão, são tambem vespéras... de eleições camarrarias.

O facto é d'uma alta importancia, podendo mesmo dizer-se, sem a sombra d'um milimetro de ezajero, que é de importancia maxima. Trata-se das garantias de salubridade da vida ovarense, não é tão pouco que não ezija os cuidados de quem tem obrigação, pela situação em que está, de olhar por isso.

Venha de lá esse passo, quando mais não seja, para variar, que tambem hade acabar por tornar-se um aborrecimento viver sempre do mesmo lado... da cadeira de braços, onde dormindo e bocejando se passam anos de administração, assim se lhe chama, municipal.

CRONICA

O Santo Antonio

Eu móro, ainda que o pormenor não te importe eu digo-te sempre leitor dilecto, quaze que sob telhas de dois grandes santos, grandes pelo merito e pelos milagres, a Senhora do Parto, e o Santo Antonio. A ambos andam associados, festivamente, os mais intensos alegrões da minha meninice, pois que todos os anos havia arraial nos dias consagrados a esses patronos, trepava-se a mastros, ajudava-se a afestoar cordas, a pôr bandeiras, a acender iluminações caprichosas, e porque havia peças pirotecnicas de efeito, e os «chafarizes»; que assim se chamava, no meu tempo, e entre os da minha egualha, ás cascatas cheias de bonecos e luzinhas que eram o meu feitiço.

Era primeiro o Santo Antonio, de quem eu sabia os milagres celebres, que a tradição oral, em forma de contos, ensina á infancia; e depois, passado o delirio das romarias, lá para o pintar das primeiras uvas, que, no nosso clima vareiro, começam a córar com o sol d'agosto, na sua capelinha branca a Senhora do Parto, alem da gloria dos ceus, gloria exclusiva dos Campos.

Era primeiro o Santo Antonio, anunciado por um rebimbalhar de sinos alegre e convidativo, desde o primeiro do mez ás tardes, para a novena que atraía a rapaziada e juntava póvo, ainda assim, dias de semana e hora de serviços, á roda do altar, enfeitado de jarros de faiança pobre, floridos de rozas e de açucenas; obra devocional das mezarrias, que as tinha em luzido numero e qualidade o feliz solteirão que foi Santo Antonio.

Era o primeiro, ha! bem me lembra...

Uma destas tardes, inesperadamente, tornei a ouvi-lo, estamos á entrada do mez de junho, áquele sino meu conhecido, da grimpá fronteira, chamando ás novenas do Santo Antonio. Pareceu-me monotono e cega-rega, maçador, rebimbalhando sem tomar folego, creando notas sem brandura; seco e metalico na sua grimpá a atroar os ares. Era engano, decerto, mas pareceu-me. (Meu rico sino da meninice, meu amado som da idade de garotelho, havia de sér engano, forçosamente, neste meu ouvido, agora, rebelde.)

Vim á janela, o sino tanjia, tlim, tlim, e á tarde, de nuvens acasteladas ao lonje, tinha uma doçura fragrante que convidava a orar, a adorar os santos. O Santo Antonio, escancaradas aos fieis, tinha as suas portadas largas; o sino tanjia, tanjia, levava o apelo do taumaturgo aos largos, ás ruas, aos becos, aos ouvidos de todos os moradores.

Cazualmente puz-me a vér, a contar: um, dois... um dois;... e reparei, então, atentamente, que era uma raridade passar alguém e enfiar

pela porta dentro. Interessou-me a diversão, continuei-a; verificava-se a minha primeira impressão, ninguém, isto é, muito poucas pessoas, entravam, iam á novena. Bem se cançára o sino: *tlim, tlim*, sem parar; uma dureza d'ouvidos endemica, apossara-se de todo o mundo.

Elle mesmo findou por convencer-se porque acabou por calar-se, findando o seu dezatinado chamar com uma nota dolorida, sentimental, uma queixa, julguei.

Estava mal na *Bolsa* dos ceus, o meu grande vizinho taumaturgo, que-ria-me parecer.

Desciam as suas ações. Estavam em pouco os seus creditos. Isso explicaria o abandono dos fieis, isso condizia perfeitamente com a solidão que se fazia á roda do seu altar milagrento; adornado, outróra, sempre de flores novas e odoríferas. Mas poder de Deus, inquiria eu, porque fóra? Esta gente não perdera a fé, hoje, como ha vinte anos, em quinze mil batizados não se encontravam trez homens declaradamente acatolicos; quinze mil almas que vivem e sofrem no povoado conservam-se, como um bloco, ligadas á igreja; o que motiva, pois, o abandono d'aquella que até os peixes tanto estimavam de ouvir?...

Achei, sem querer paralelo com Arquimedes, que facil achado foi. Havia o mesmo catolicismo dos meus tempos de rapzito, é certo; e havia, mais, uma arida tendencia de devocionismo mariolatrigo, que furtára ao Santo Antoninho o escol dos seus amigos provados.

Emquanto eu cresci, me fiz homem e perdi nos livros a antiga fé, sem eu dar por isso novas tendas de negocios celestes se abriram e, a pouco e pouco, foram dominando.

Fez-se terrivel a competencia, e apesar de achar os trastes perdidos e restituir o roubado, Santo Antoninho, ano a ano e dia a dia, perdeu terreno. O colega Sales, com o seu maneirismo hipocrita de italiano, patricio e emulo de Maquiavel, fez-lhe um destroço; depois os sacratissimos corações, á laia de jeranios caros, cultivados por verdadeiras incantadoras, as doroteas, vieram tirar-lhe a ultima ala—os derradeiros fieis.

O pobre santo, o meu malaventurado vizinho!...

Não ha sirigaite d'hoje que o não ache velho e mazombo, nem ha papalvo de papa hostias que o tenha por bemaventurado *acompli*... Está tal qual Pedro Sem:—o santo mais guapo, o mais taful, o mais homem, reduzdo á extrema penuria!

Mil anos restituiu as coizas perdidas e roubadas, mil anos foi o salvador da pecuaria, o veterinario por excellencia:—barateiro e feliz nas curas. Tinha direito a outro repouzo, a outras honras, e, ao menos, nos seus dias do mez de junho devia ter, verdadeiramente—uma apoteoze.

Não a tem, e passeia tristemente os olhos pelo vazio do seu tempo, cheio de prolongadas solidões, como os desertos e os tumulos.

Uma ou outra voz, umas flores lá de quando em quando, d'alguma dedicção fora do comum, emquanto os outros colegas, positivamente, transvazam de freguezia.

Num santo tão nosso (quero dizer d'eles, os catholicos) e conservado mui bem, como ainda está Santo Antonio, é, realmente, uma pena.

E pode-a um livre pensador chorar, porque, afinal de contas, sempre é um astro que se extingue.

Minusculus.

ARTE & LETRAS

IDILIOS

Cantarilha luzidia de barro cozido ao forno e avermelhado na chama, quando a trazes da fonte fica-te a matar, Maria; fica-te como um adorno, á altura da tua fama que anda de monte em monte, como um odór que enebria.

Quando descáe, sobre o mar, nas tardes quentes, serenas, o sol de verão, em fogo, és sempre, então, pontual;

já vem nascendo o luar, e ao lado das mais pequenas a todas excedes, logo; —que em terras de Portugal —ninguem te descobre par!

Vens conforme a antiga uzança de nossos avós distantes, ligur's, hebreus, sarracenos; d'amfóra cheia, a andar numa ritmica aliança de passo e jestos soantes, que os teus pézitos pequenos se elevam a dezenhar num garbo que se não cança.

E's assim, insinuante, a quaze resurreição das virjens orientaes; evocação que engana, tan viva, tan semelhante, que até parece condão lembrarem os teus sinaes, na fonte, a samaritana de imajem doce, galante.

O luar, teu companheiro, branqueia o velho caminho e asperje as semeaduras; artista sentimental melancolico troveiro arrouba-me, de mansinho, num prelibar de aventuras: —Uma união ideal!... —Um teu amor verdadeiro!...

Qual andorinha, a voar, passas de leve, de leve, as «boas noites» trocando com requabrada meiguice. Que lindo está o luar! Fico só, bem só—mas breve, ou acordado ou sonhando, —vê lá tu, que creanciel— eu torno a vér-te passar...

Antonio Valente.

Logares selectos

Sei que não é virtude para uma familia o ser confessada dos Carmelitas e Congregados que estragam a cabeça das mulheres, que desmoralizam a mocidade com devoções frivolas e que, peor que os Jesuitas, merecem o que d'elles dizia o nosso Sá e Miranda:

«Como cantam, como resam Todos juntos de pancada; Casa aonde elles entrarem, Dae-a vós por vindimada».

Sá e Miranda, creado no Paço de D. João III, seu primeiro Desembargador, e Enviado a Sardenha, tinha mais luzes, religião e piedade que toda essa fradaria; mas deserto que se havia de confessar com o seu parochio e não com esses Directores espirituales que, semelhantes aos Fariseus de de que o Evangelho falla, são cegos e guias de cegos. E porque não cuidam os snrs. Governadores dos bispados em abolir este monopolio de confissões? Que quer dizer confessar de freiras? Que quer dizer Carmelitas e Congregados quando se trata d'aplicar aos peccadores o saudavel sacramento da penitencia?

D. Luiz da Cunha em seu testamento dizia a El-rei que se confessasse com o Parochio da freguezia do Paço. Alexandre de Gusmão dizia o mesmo.

E que precisão tem uma freira d'um confessor favorito como as madamas de França no tempo do padre Fatutu jesuita d'altas confessadas, com quem tanto se divertiu Boileau; e como a familia d'Ayres Pinto, no Porto, com o frade Lima?

Diz Salomão nos Proverbios, que o pastor deve conhecer o seu rebanho—«gregem tuum attente considera».

Os snrs. Governadores do Clero devem reflectir muito n'isto.

(Extracto d'um artigo do n.º 5 do jornal «O Velho Liberal do Douro» publicado em 1833).

O INTERMEZZO

(Tradução livre)

XX

Se as flores, as boas alminhas, soubessem como o meu coração está lacerado profundamente, elas

unjiriam as minhas chagas com o balsamo dos seus perfumes.

Se os rouxinões percebessem quanto eu estou triste e doente, elles fariam com seus cantares um alegre côro para distrair-me dos sofrimentos.

E se, lá em cima, as estrelas d'ouro adivinhassem a minha dôr, essas, ô! maviozamente, viriam trazer-me consolações rebrilhan-tes.

Nenhum de todos os seres, pes-soa alguma do mundo, poderá co-nhecer minhas penas; ela somen-te as conhece, a minha noiva d'outrora que o coração me dilacerou.

XXI

Porque estão tão palidas as ro-zas, diz-me minha bem amada, porque é?

Porque é que na verdura da relva estão as violetas tão mur-chas, tão abatidas d'enfado?

Nos ares, porque cantarã com uma voz, agora, tão melancolica a jovial cotovia? e porque será que as emanações dos jasmims vem dos bosques com um ôdor funerario?

O sol—astro rei—porque é que, agora, ilumina os prados com uma luz tão mortiça, tão fria?, e porque estará toda a terra da côr de cinza e pezada como um tumu-lo?

Porque será que eu proprio me sinto tão doente e tristonho, ô minha queridissima bem amada, diz-mo ô diz-mo bem amada da minha alma, porque foi que me abandonaste?

XXIII

Floriam as tilias, descantava o rouxinol, sorria-nos o sol d'um modo gracil; abraçavas-me, então, e o teu braço ficava prezo ao redor de mim; ah! nessa meia hora estreitavas-me ternamente contra o teu peito irriquietao.

Caíam as folhas, grasnava o corvo, o sol mandava-nos olhares morrinhentos, e então nós diziamos friamente: «Adeus!» e despedindo-nos, fazias-me palidamente —a reverencia a mais correcta do mundo.

XXIV

Nós adorámo-nos imenso, e, entretanto, nunca houve arrufo entre os dois. Petizitos, imensas vezes jogamos a brincadeira da *mulher e homem* e contudo, então, jamais bulhámos de voz e mãos. Mais tarde divertimo-nos e rimos juntamente, e trocámos, como nos tempos antigos, carinhozissimos beijos. Finalmente, rememorando os folgares da nos-sa infancia em comum, evocámos os tempos idos fazendo o jogo das *escondidas* pelos bosques e pelas campos. Então, tão perfeitamente nos escondemos, que nunca mais —ô! nunca mais nos reencontrá-mos...

Henrique Heine.

NOTICIARIO

Dia a Dia

Em Macau deu á luz uma crean-ça do sexo masculino a esposa do nosso conterraneo e amigo dr. Jayme Pinto do Amaral, tenente medico d'aquelle quadro ultrama-rino.

—Continua de cama, experi-mentando comtudo ultimamente algumas melhoras, o que estima-mos, o nosso amigo Joaquim Au-gusto Ferreira da Silva.

—Retirou na penultima semana para Lisboa, o sr. José Bento de Araujo Assis, distincto professor da ultima missão das Escolas Mo-veis pelo methodo João de Deus, estabelecida n'esta villa.

O sr. Assis, que durante a sua estada aqui, conquistou justas sympathias pelo seu trato affavel e delicado, deixou entre as pes-soas com quem convivia saudosas impressões,

—Encontra-se em Luzo com sua filha a fazer uso de suas aguas, a sr.ª D. Maria Amelia Araujo de Oliveira Cardoso, esposa do recebedor d'este concelho, sr. Antonio Valente Compadre.

—Tambem se encontra fazendo uso das aguas thermaes de Vizella o sr. Manoel Maria de Souza Ri-beiro.

—Entrou em franca convalessença o sr. Francisco Lopes da Silva. Estimamos.

—De regresso do Pará, chegou no dia 3 a esta villa o nosso pa-tricio Luiz Dias de Rezende, filho do Sr. José Maria Dias de Rezen-de.

—Está entre nós o sr. Luiz de Mello Freitas Pinto, d'Agueda.

—Tambem esteve entre nós na semana passada, regressando já a Valpassos, o sr. Antonio Augusto Freire Branda, escrivão de fazenda d'aquelle concelho.

—Partiu hontem para Coimbra, após uma curta estada n'esta villa, o applicado academico e nosso amigo Antonio Gonçalves Santi-ago.

—Está quasi restabelecido da doença de que soffeu ultimamen-te, o sr. João da Silva Alminha.

Santo Antonio

Na sua capella da Praça reali-sa-se no domingo proximo a festi-vidade em honra do thaumaturgo portuguez, Santo Antonio.

Além de exposição do Sacra-mento ha, de manhã, missa solemne a grande instrumental e sermão ao Evangelho e, de tarde, vespersas, sermão e procissão.

E' orador o rev. padre Antonio Dias Borges e assiste a banda dos Bombeiros Voluntarios.

Misericordia d'Ovar

Por falta de numero legal de ir-mãos não se realisou a assembleia geral da Misericordia, que havia sido convocada para o dia 5 do corrente, sendo marcada nova convocação para o domingo proximo por 1 hora da tarde, como se vê do convite do provedor que adeante publicamos.

Consta-nos que na sua ultima sessão ordinaria, deliberou a meza administrativa da Misericordia sub-metter á apreciação da assembleia geral a escolha de terrenos para a construcção do seu hospital. Parece-nos conveniente que á mes-ma assembleia concorra o maior numero de irmãos, visto tratar-se d'um assumpto de grande impor-tancia para a Misericordia.

A meza d'esta novel institui-ção foram entregues os seguintes donativos angariados pela 2.ª comissão de Vallega:

Francisco d'Oliveira Lopes	20\$000
João Rodrigues da Fonseca	10\$000
P.º Manuel da Silva Laranjeira	5\$000
Manuel Pereira de Mat-tos	5\$000
Antonio Martins d'Oli-veira	5\$000
P.º Manuel Pereira e Pi-nho	2\$500
Mario Caetano Tavares	1\$000
Manuel Maria de Pinho	1\$000
Antonio Borges dos San-tos	1\$000
Joaquim José da Fon-seca	1\$000
Constantino da Silva La-rangeira	1\$000
Manuel José Valente	1\$000
Manuel Pereira da Sil-va	1\$000
Custodio Marques Guer-ra	1\$000
Antonio Paes e Silva	1\$000
Antonio Petiz Martins	1\$000
João da Silva de Mat-tos	1\$000
João de Mattos	1\$000
Custodio de Pinho	1\$000
José de Pinho Osorio	1\$000
Antonio Augusto de Re-zende	600
Francisco de Pinho	600
Antonio Rodrigues da Fonseca	500

Antonio d'Almeida	500
Antonio da Silva Re-douro	500
João Marques Guerra	500
Antonio Antão Perei-ra	500
Joaquim Caetano da Ro-cha	500
Simão Pereira	500
Anonymo P.	2\$500
Anonymo N.	500

Somma Réis. . . 69\$200

CONVOCAÇÃO

Não tendo comparecido numero legal de irmãos para a constitu-ição d'assembleia geral, da Miseri-cordia, d'esta villa, no dia 5 do corrente mez, para que havia sido convocada, convido novamente os irmãos a reunirem-se no proximo dia 12, por uma hora da tarde, no mesmo local e para os fins consi-gnados na primeira convocação, como determina o § unico do art.º 18 dos estatutos.

Ovar, 6 de junho de 1910.

O provedor,

José Luciano Corrêa de Bastos Pina.

Juros d'inscrições

Principiam a ser pagos no dia 15 do corrente, proseguindo nos dias immediatos, os juros de inscrições e d'outros papeis de credito do Estado, relativos ao 1.º semestre de 1910.

Esse pagamento effectua-se na recebedoria do concelho todos os dias uteis, das 9 horas ás 2 da tarde.

Livros offerecidos para a Biblio-theca Escolar

Ex.º Sr. Manoel Duarte Silva:	
«Os Miseraveis»—Victor Hugo.	
«Os homens do mar»—Victor Hugo.	
«Bug-Jargal»—Victor Hugo.	
«Han d'Islandia»—Victor Hugo.	
«O homem que ri»—Victor Hugo.	
«Lisboa galante»—Fialho d'Al-meida.	
«Na prisão»—Gorkir.	
«Alma negra»—X. de Monté-pin.	
«A patria».	
Ex.º Sr. Dr. Descalço Coen-tro offereceu mais:	
«Historia da litteratura portu-gueza»—Da Bibliotheca do povo e das escolas.	
Redacção de «A Discussão»:	
«As duas mães»—E. Richebourg.	
«A filha maldita»—E. Richebourg.	
«A mulher fatal»—E. Richebourg.	
«Ruth»—F. Lafargue.	
«Fogo e gelo»—Condessa Dash, 2 vol.	
«A fronteira Brasileo, Bolivia-na pelo Amazonas»—Lopes Gon-çalves.	
«Administração militar em cam-panha»—Alberto David Branqui-nho.	
«A guerra na Africa do sul»—A. Conan Doyle.	
«Ideaes dispersos»—Jayme Cir-ne.	
«O Radium»—Amadeu de Vas-concellos.	
«Maria da Fonte»—Rocha Mar-tins, 2 vol.	
«Para as creanças»—D. Anna de Castro Osorio.	
«A alimentação das creanças»—Dr. J. Correia Dias.	
«Vinganças de mulher»—D. Ju-lian Castellanos, 3 vol.	
«As duas martyres»—D. Julian Castellanos, 6 vol.	
«Amor fatal»—D. Julian Castel-lanos, 3 vol.	
«Luctas d'amor»—Maxime Va-loris, 4 vol.	
«Historia dos jesuitas»—Pierre Zaconi.	
«Maravilhas da Natureza»—A. E. Brehm, 6 vol.	

«Vida e aventuras de Robinson Crusô»—Daniel Defoe.	
«Relatorio do congresso de lei-taria, olivicultura e industria do azeite».	
«Materia medica experimental»—Francisco José da Costa.	
«Excesso de podridão»—Dr. Francisco de Mello e Noronha, 1 folha.	
«Crença e ideal politico»—Dr. Francisco de Mello e Noronha, 1 folha.	
«A piscicultura e a sua obra»—Alberto Velloso d'Araujo, 1 folha.	
«Viagem de Vasco da Gama á India».	
«O governo e a imprensa»—Dr. Antonio Macieira, 1 folha.	
«O ensino ethico-social das mul-tidões»—Faria e Vasconcellos, 1 folha.	
«Adubos chimicos e estrumes»—Lima Alves.	
«O alcool e o tabaco»—Amadeu de Freitas.	
«O Transwaal»—Alves de Car-valho.	
«Tratamento natural»—Dr. Ben-tes Castel-Branco.	
«Bellezas do confessorario».	
«O poderio d'Inglaterra»—José de Macedo.	

Bibliotheca de Educação Moderna

«Descendemos do Macaco?»

Tradução do tenente Moraes Rosa

A Bibliotheca de Educação Mo-derna, que se publica em Lisboa sob a direcção de Ribeiro de Carvalho, acaba de pôr á venda um novo livro, interessantissimo, com este titulo: *Descendemos do Macaco?*

N'elle se trata, com uma clareza maravilhosa, o problema da origem do homem. Na verdade, estas per-guntas preoccupam todos os espiri-tos. De onde descendemos? Qual a nossa origem? Como appareceu sobre a terra o primeiro homem?

Desfeitas pela sciencia asingenuas tradições espalhadas pelo Christia-nismo, foi preciso estudar o proble-ma, tão ruidosamente enunciado pelas theorias de Darwin. Foi assim que Denoy, um sabio illustre, ex-planou essas theorias, dando-nos um livro admiravel, claro e imparcial, cujo titulo é tambem uma pergunta: *Descendemos do macaco?*

Afirmou um outro sabio não me-nos illustre, que é preferivel descen-der de um macaco aperfeiçoado do que de um homem degenerado. Seja como fôr, este estudo é interessante e de um valor indiscutivel, pois a origem do homem decide do seu destino. De onde viemos. O que somos?

A estas perguntas, que devem tor-turar todo o homem consciente, responde o livro do sabio escripto-Denoy, agora traduzido para portu-guez—livro cujo titulo suggestivo é este: *Descendemos do macaco?*

A mesma Bibliotheca de Educa-ção Moderna já publicou mais dois livros, verdadeiramente sensacionaes, tambem magnificamente traduzidos para portuguez.

O primeiro intitula-se *A Igreja e a Liberdade* e é devido á penna de Emilio Bossi, o famoso auctor do *Christo nunca existiu*.

O segundo intitula-se *Socialismo e Anarquismo* e constitue um estudo, completo e claro, ácerca d'estas duas doutrinas sociaes, sendo seu auctor o grande sociólogo Hamom.

Em preparação, prestes a serem postas á venda, estão outras obras sensacionaes, destinadas ao maior successo.

Preço de cada volume d'esta bi-bliotheca: brochado, 200 réis; ma-gnificamente encadernado em perca-lina, 300 réis. Remettem-se pelo cor-reio, para todas as terras da provin-cia, do Brazil e das colónias portu-guezas. Pedidos á *Livraria Interna-cional*, Calçada do Sacramento, ao Chiado, 44—Lisboa.

ANNUNCIOS

Agradecimento

A familia do saudoso falle-cido Padre Francisco Corrêa Vermelho, profundamente re-conhecida, agradece a todas as pessoas que se dignaram cum-primental-a por occasião d'a-quelle passamento.

Ao Reverendo Clero que gra-tuitamente tomou parte no fu-neral, aqui fica consignado o seu agradecimento.

Ovar, 4 de junho de 1910.

Preito de Gratidão

E' justo, muito justo, após uma tão penosa doença,—como a que tive ultimamente,—que venha, por este meio, paten-tear o meu maior reconheci-mento, aos ex.ººº medicos que me operaram na Misericordia do Porto, que foram d'uma amabilidade extrema para mim, não restando a menor duvida de que d'essa operação colhi os melhores resultados, que nunca julguei, para o meu bem estar.

Para estes o meu eterno re-conhecimento com o cunho sin-cero da gratidão; e para todos os meus amigos que se interes-saram pelas minhas melhoras, os meus agradecimentos.

Ovar, 8-6-910.

Affonso de Souza Vasconcellos.

Mercearia Valente

PRAÇA—OVAR

Acaba de expôr á venda um sortido das afamadas conservas d'«A Varina», que vende pelos preços da fabrica.

Tambem vende a superior farinha «Nestlé», por preço inferior ao Porto.

Acaba tambem de recebe-novas remessas de arame sim-ples e farpado, rêde de arame, páz de ferro, fogareiros, tintas e um completo sortimento de ferragens.

Em mercearia:—de tudo e artigos de primeira qualidade Tudo a preços baratissimos.

Livraria Chardron

Lello & Irmão—Porto

Acaba de sahir:

A Antiga e a Nova Fé

por David Strauss, tradução de Alfredo Pimenta.

Reportorios e Almanachs

PARA 1910

Encontram-se á venda na

Imprensa Civilização

Rua de Passos Manoel, 244 a 249

PORTO